



A REINVENÇÃO DO COTIDIANO E OS MECANISMOS DE DESENCAIXE¹

Letícia Herrmann²

Nicole Kollross³

Mônica Fort⁴

Universidade Tuiuti do Paraná – UTP

RESUMO

A partir de uma releitura livre do livro de Michel de Certeau, é proposta a “re”invenção do cotidiano, através do uso de noções desenvolvidas por Anthony Giddens. Os mecanismos de desencaixe são um exemplo válido, já que são reiterados pelos recursos da Internet e das mídias e redes sociais. Assim, o recorte proposto é o lugar e o espaço que, dentre outros, têm relação com auto-reflexividade típica da Modernidade. Em específico, recursos utilizados pelos jovens para traçar caminhos e alternativas de locomoção. Recursos colaborativos e não presenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Reinvenção do cotidiano; Mecanismos de desencaixe; Espaço; Lugar.

Deslocar-se pelas cidades. Enfrentar congestionamentos típicos das grandes metrópoles. Driblar caminhos para evitar ficar parado no trânsito. Tem-se observado, cada vez mais, motoristas e pedestres que buscam informações sobre como evitar perder tempo com os deslocamentos necessários em seu dia a dia. A tecnologia facilita a troca de informações e a sociedade procura fornecer dados que facilitem, por sua vez, o viver em redes urbanas.

Considerando essa realidade, o presente artigo pretende discutir as propostas de Michel Certeau, em seu *A invenção do cotidiano* (1998), por meio das noções de Anthony Giddens a respeito das experiências do cotidiano na modernidade globalizada, pelas quais se vinculam a questões relativas à identidade e à percepção de sujeitos e, ainda, envolvem múltiplas mudanças e adaptações na vida cotidiana.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Letícia Herrmann é Relações Públicas (PUCPR) e publicitária (UTP), mestre em Comunicação e Linguagens (UTP) e doutoranda em Comunicação e Linguagens (UTP)

³ Nicole Kollross é Relações Públicas e Publicitária (UFPR), mestre em Sociologia (UFPR) e doutoranda em Comunicação e Linguagens (UTP)

⁴ Mônica Fort é jornalista (UFPR) e administradora de empresas (FAE-PR), mestre em Educação (PUCPR), doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Desenvolve pesquisa de pós-doutorado em Comunicação (UERJ)



Propomos que, considerados hábitos recentes, mediados por mecanismos digitais, o cotidiano tenha sido “reinventado”. O tema é complexo, mas para que possa ser exemplificado, decidimos abordar espaço e lugar, uso e consumo, mapas e percursos apresentados por Certeau comparados a alguns recursos que, principalmente os jovens, empregam diariamente na tentativa de locomover-se e encontrar-se em sociedade.

COTIDIANO DE CERTEAU

O livro de Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano*, foi elaborado a partir de uma pesquisa coletiva feita entre os anos de 1974 e 1978, que buscava o entendimento sobre “culturas plurais” (e seus respectivos “problemas”, em uma dada sociedade). Sua base, para tanto, foi um amplo debate epistemológico sobre a própria profissão de historiador; inclusive, dialogando intensamente com Pierre de Bourdieu e Michael Foucault (entre outros, como Lacan e Greimas). O foco de Certeau (1998, p. 13) é a pesquisa da “‘proliferação disseminada’ de criações anônimas e ‘perecíveis’ que irrompem com vivacidade e não se capitalizam”.

São as “operações culturais”, entendidas como um “movimento” de práticas comuns e experiências particulares. O campo de pesquisa, assim, é uma dada “cultura ordinária”, composta por “frequentações” de lugares, solidariedades e lutas. Para Certeau (1998, p. 37-38), o importante são as “operações dos usuários [dadas a partir do] explicitar das combinatórias” que compõem a cultura. Em sua concepção, os usuários não são “passivos”, ou meros “receptores” de algo unitário produzido por outros (em uma noção espécie de “atomismo social”, por exemplo).

Ao contrário, devem ser consideradas as suas práticas (ou “maneiras de fazer” cotidianas) que são intrinsecamente articuladas às atividades sociais. São os “modos de operação”, ou mesmo dos “esquemas de ação”, cuja análise, para Certeau (1998, p. 38, grifos nossos), “mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”. As quais, por sua vez, se dão também através do consumo, e da consequente “produção dos consumidores”.

Os consumidores “produzem” a partir de três determinações, que são para Certeau (1998, p. 38-43): o “uso”, os modos de proceder (da criatividade cotidiana) e a formalidade das práticas. Na análise do primeiro, o “uso”, é preciso diferenciar a



produção em si, dos infinitos processos de sua utilização (consequentes da “manipulação dos praticantes”). Seria o equivalente, na linguística, ao “ato de falar” enquanto uma operação – dada necessariamente no presente – em que há uma apropriação através do “uso” (a partir do “contrato com o outro”, implícito na língua), que

[...] não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos [mas há] *outra* produção qualificada de “consumo” [que] não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1998, p. 39, grifos do autor).

O sujeito se “apropria” da língua, sempre em uma circunstância particular dentro de uma cultura específica, através de “procedimentos” que articulam modos de intervenção, entre a língua e as práticas sociais. Isto é, considera tanto o contexto histórico quanto, para Certeau (1998, p. 81-88), as operações dos locutores em circunstâncias particulares de tempo, de lugar e competição. Em outras palavras, as práticas cotidianas (e o espaço de suas táticas) que desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude efetivamente. Concepção que se aproxima bastante, ainda segundo o autor, da “teoria da prática” de Bourdieu.

Já no segundo, há uma aproximação a Michael Foucault, principalmente em seu livro “Vigiar e Punir”, no qual aborda a relação entre os discursos e os “procedimentos de vigilância”. São estudados, assim, os “dispositivos” (ou, “aparelhos”) usados em instituições sociais; como a escola, o hospital (mais especificamente, o hospício), a penitenciária etc. Para Certeau (1998, p. 112), ele “postula e estabelece uma dicotomia entre as ‘ideologias’ [ou, discursos] e os ‘procedimentos’, traçando as suas evoluções distintas e seus cruzamentos”.

O interesse maior, a partir deste desenvolvimento teórico citado, é a respeito da “microfísica do poder”; porém, mais do que a produção da “disciplina”, Certeau (1998, p. 41, grifos nossos) busca os “procedimentos populares [que] *jogam* com os mecanismos da disciplina e *não se conformam* com ela a não ser para *alterá-las* [como sendo] uma *contrapartida*, do lado dos consumidores”. Seria a “rede de uma antidiplina”, feita por indivíduos e grupos que, apesar de estarem também em “redes de vigilância”, ainda encontram meios para serem criativos; com outros modos de proceder da criatividade cotidiana.

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais *os usuários se reapropriam do espaço* organizado pelas técnicas de produção



sociocultural [através de uma] *criatividade dispersa*, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes (CERTEAU, 1998, p. 41, grifos nossos).

A terceira e última determinação, na produção dos consumidores, está relacionada, para Certeau (1998, p. 42), com as regras das práticas de “operações multiformes e fragmentárias [que unem] uma maneira de pensar investida numa maneira de agir”. São algumas “formalidades complexas” inerentes às operações de consumo dos sujeitos, que se dão tanto de modo utilitário quanto “combinatório” (entre o que é “feito” pelo produtor e pelo consumidor).

É o consumo de “margem”, não no sentido de “exclusão”, mas sim de “informalidade”; para Certeau (1998, p. 44, grifos nossos), é uma “*marginalidade de massa*: atividade cultural dos não produtores de cultura”. Heterogênea, ela se dá em decorrência de situações sociais e de suas inerentes relações de força. Em uma contraposição válida, seriam as ações na rede dos consumidores dentro de “margens de manobras”, em relação aos sistemas produtores em conjunturas específicas.

Nas palavras de Certeau (1998, p. 44-48), é uma “análise polemológica de cultura”, que considera a tensão e o potencial conflito entre os sujeitos, produtores e consumidores. O foco do autor são as “práticas significantes”, nas quais os consumidores se tornam “produtores desconhecidos”. Ainda no paralelo com a língua, os “atos de fala” do sujeito, embora

[...] sejam compostos com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidos a sintaxes prescritas, eles desenham *as astúcias de interesses outras e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem* (CERTEAU, 1998, p. 45, grifos nossos).

Os sujeitos têm estas “práticas significantes”, que vão além do próprio sistema, através de táticas (ou de “não-lugares”). Nelas os consumidores se tornam, para Certeau (1998, p. 45-46), “produtores desconhecidos [sem] uma independência em face das circunstâncias”. É a combinação de elementos heterogêneos, através da escolha do sujeito.

Elas são diferentes das “estratégicas”, que para Certeau (1998, p. 46), “escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta [através do] cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”, ou instituição (“lugar próprio”).



DESENCAIXE E REFLEXIVIDADE DO COTIDIANO

As táticas, então, são as “maneiras de fazer” do sujeito, as práticas cotidianas (ou “performances operacionais”), que para Certeau (1998, p. 47), em “nossas sociedades [...] se multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixados por uma comunidade circunscrita [...] se tornassem errantes”. O “esfarelamento das estabilidades locais”, ou o processo paralelo de distanciamento entre tempo-espaço é, para Giddens (1991, p. 21-27) o que define a própria Modernidade, assim como as suas instituições e sistemas sociais (extremamente dinâmicos e de escopo globalizante).

O termo “espaço”, aqui, não é o mesmo que “lugar”. Este, para o autor, se refere a um “cenário físico situado geograficamente”, o qual se torna na Modernidade cada vez mais “fantasmagórico”. O “espaço”, por sua vez, é independente do “lugar”.

O desenvolvimento do “espaço vazio” está ligado acima de tudo a dois conjuntos de fatores: aqueles que concedem a representação do espaço sem referência a um local privilegiado que forma um ponto favorável específico; e aqueles que tornam possível a substituição de diferentes unidades espaciais (GIDDENS, 1991, p. 27).

Sempre houve algum tipo de separação entre o tempo-espaço, a partir de que os sujeitos passaram a se relacionar sem estarem, efetivamente, juntos. Através de imagens ou textos, por exemplo, já anteriores as sociedades atuais. Em desenvolvimento, porém, temos na Modernidade o distanciamento entre o tempo-espaço; isto é, eles não estão apenas separados, mas cada vez mais “distantes” um do outro. Nas palavras de Giddens (1991, p. 29), eles estão desencaixados, isto é, passam por um “‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”.

De qualquer modo, a abordagem de Certeau (1998, 48-50) é, de modo geral, contrária ao binômio produção-consumo/escritura-leitura, que seria o “ponto máximo da passividade” do consumidor, como presente na “Sociedade do Espetáculo” de Guy Debord, por exemplo. Em oposição a ele, Certeau (1998, p. 50) fala que a leitura é uma atividade, uma “produção silenciosa [que] introduz, portanto, uma ‘arte’ que não é passividade”, assim como a de conversar:

[...] as retóricas da conversa ordinária são *práticas transformadoras* “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das



posições locutoras instaura um tecido oral *sem proprietários individuais, as criações* de uma conversa que não pertence a ninguém [através de um] efeito provisório e coletivo de competências (CERTEAU, 1998, p. 50).

Outro enfoque válido do processo é o que acontece em “culturas populares” (ou a apropriação popular da cultura), através da produção feita pelos sujeitos, ao consumir. A partir da relação efetiva das forças, há a injustiça dos poderes já estabelecidos. Em perspectiva prévia, de uma pesquisa apresentada pelo autor, o sujeito nela

[...] reconhecia nesta injustiça uma ordem das coisas, em que nada autorizava a esperar a mudança [...]. Mas não se concedia nenhuma legitimidade a esse estado de fato. Pelo contrário, embora sendo uma realidade repetida, esta relação de forças nem por isso se tornava mais aceitável [e havia] uma radical recusa ao *estatuto* da ordem que se impõe como natural e um protesto *ético* contra sua fatalidade (CERTEAU, 1998, p. 77, grifos do autor).

Pode ser estabelecido um paralelo relevante, entre o relato desta pesquisa em particular, com o processo em geral da relação entre produtores e consumidores. Os fatos (aqui, os produtos) são alterados pelos sentidos dados a eles, através do consumo, por exemplo. Quaisquer modos de alterações são em parte recusas, ou mesmo protesto que, apesar de tudo

[...] oferecem *ao possível* um lugar inexpugnável, por ser um não-lugar, uma utopia. Criam um espaço diferente, que coexiste com aquele de uma experiência sem ilusões [...] desfazem a fatalidade da ordem [...] reempregam um sistema [por] super-ações, excrescências [que] contestam hierarquias do poder e do saber (CERTEAU, 1998, p. 78, grifos do autor).

Isto é, o “uso popular”, ao alterar os sentidos dos fatos, “reemprega o sistema” através da contestação de suas hierarquias, em outras práticas e “maneiras de fazer” cotidianas. Ele modifica o funcionamento, para Certeau (1998, p. 79), na “maneira de utilizar sistemas impostos [que] constitui a resistência à lei histórica de um estado e suas legitimações dogmáticas”. A cultura popular, assim, se torna “opaca” e ambígua; em um processo que alterna uma “historicidade cotidiana” com a existência efetiva dos sujeitos. A produção dos consumidores,

[...] ou outros discursos, são *marcados por usos*; apresentam à análise as *marcas de atos* ou processos de enunciação; significam as *operações* de que foram objeto, operações relativas a situações e encarnáveis como *modalizações* conjunturais do enunciado ou da prática (CERTEAU, 1998, p. 82, grifos do autor).



São nas práticas cotidianas, então, que se dão as produções dos sujeitos, através do consumo. No vocabulário assumido por Certeau (1998, p. 109-110), são os procedimentos, ou “esquemas de operações e manipulações técnicas”, que teria relação com a noção de “ideologia” (discurso) de Foucault, assim como a de “*habitus*” (adquirido) de Bourdieu. A ideia principal é

[...] analisar o imenso campo de *uma “arte de fazer” diferente dos modelos que reinam (em princípio) de cima para baixo* [que é] independente dos locutores e das circunstâncias, onde construí um sistema a partir de regras que garantem a sua produção, sua repetição e verificação (CERTEAU, 1998, p. 86).

A “arte de fazer” de Certeau (1998) pode acontecer, por exemplo, a partir da “auto-reflexividade” de Giddens (1991, p. 43-46), que se dá pelas práticas sociais constantemente revisadas a partir de novas informações, as quais são aplicadas “reflexivamente” na elaboração dos saberes.

Em todas as culturas, *as práticas sociais são rotineiramente alteradas* à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade *a revisão da convenção é radicalizada* para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana [...]. O que é característico da modernidade não é a adoção do novo por si só, mas a suposição da *reflexividade indiscriminada* – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão (GIDDENS, 1991, p. 45-46, grifos do autor).

O importante é destacar as três principais forças dinâmicas da Modernidade: o maior distanciamento entre tempo-espaço; os mecanismos de desencaixe (sistemas abstratos e fichas simbólicas) e; a reflexividade institucional. Em todas elas, o que se destaca é que a confiança (diferente das sociedades pré-modernas) não é dependente do local (GIDDENS, 1991, p. 110-113).

ESPAÇOS A PERCORRER

Para Giddens, a experiência global da modernidade está interligada, influenciando e sendo influenciada, a eventos da vida cotidiana. O autor afirma que não apenas “a comunidade local, mas as características íntimas da vida pessoal e do eu tornam-se interligadas a relações de indefinida extensão no tempo e no espaço” (1991, p. 77). Como ficamos ligados a experiências diárias, acabamos refletindo o que o autor se refere a “papel da tradição”.



Michel de Certeau (1998, p. 202), por sua vez, comenta que espaço é o “efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam [...] O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada”. Há diferentes espaços tanto quanto há experiências espaciais.

...o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. (CERTEAU, 1998, p. 202).

Quem se locomove relata suas experiências e vivencia lugares e interpretações distintos. No cotidiano das relações, os espaços a percorrer podem ser descrições de locais que não necessariamente foram presenciados pelos sujeitos que os reconhecem. “Os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.” (CERTEAU, 1998, p. 203).

Citando C. Linde e W. Labov, Certeau apresenta conceitos de “mapa” (*map*) e “percurso” (*tour*), por meio do que chama de “análise precisa das descrições de apartamentos em Nova Iorque”.

O primeiro segue o modelo: “Ao lado da cozinha fica o quarto das meninas”. O segundo: “Você dobra a direita e entra na sala de estar”. Ora, no corpus nova-iorquino, somente três por cento dos descritores pertencem ao tipo “mapa”. O resto, portanto quase a totalidade, pertence ao tipo “percurso”: “Você entra por uma portinha” etc. (CERTEAU, 1998, p. 204).

Observa-se que um percurso é um ato de enunciação. Cada mapa é um memorando que prescreve ações. Aí, domina o percurso a fazer. Engloba os elementos do mapa, bem como a descrição de um caminho a efetuar é acompanhada de um desenho. (*Idem*, p. 206). Na continuidade deste artigo, serão apresentados aplicativos desenvolvidos para celulares, que enunciam aos usuários caminhos a percorrer. Alguns deles descritos por outros usuários que, em rede, ajudam a orientar uns aos outros frente a questões comuns a todos que vivem em sociedade. Os aplicativos apresentam mapas, mas os percursos são narrados. Há relatos e descrições e o sujeito acaba dependendo da colaboração de pessoas que não conhece.

Visando a contemporaneização da abordagem sobre a “invenção do cotidiano”, de Certeau (1998), e incorporando tais conceitos para a prática comunicacional atual, é possível relacionarmos as definições do autor sobre o uso dos mapas, percursos e



lugares, observando tais fenômenos nas práticas do consumo online no contexto social do público jovem. Embora não se tenha claramente catálogos de mapeamentos determinados socialmente, ocorre a prática usual de tais mecanismos por meios de dispositivos, principalmente os mediados pela tecnologia, que auxiliam na dinâmica do mapeamento das coisas.

A relação da localização está cada vez mais presente nas atividades corriqueiras, pois se faz necessária uma marcação geográfica rápida e eficaz, considerando a própria alteração do uso do tempo, proporcionada pela tecnologia da informação (CASTELLS, 2009). A conexão com o mundo é referenciada pelos lugares, pois é através deles que recordamos experiências vividas e que auxiliam na construção de nossos repertórios.

A “REINVENÇÃO” DO ESPAÇO

De alguma forma a humanidade sempre registrou seus lugares em mapas para que pudessem ser localizados e trabalhados em um contexto social (CERTEAU, 1998). Se voltarmos alguns anos no tempo, poderemos lembrar-nos da experiência do uso das listas telefônicas. Aquelas listas catalogavam nome, endereço e número de telefone da maioria das pessoas que possuíam aparelhos fixos de telefonia. A listagem era dividida em páginas brancas, disponibilizando catálogo residencial e em páginas amarelas, a fim separar os contatos comerciais por categorias de interesse.

Com o passar dos anos, a lista telefônica foi ofertada para consumo na plataforma digital e, hoje, o produto já não possui a mesma relevância comparada ao que era quando oferecida impressa. Esta transformação ocorreu, pois um número maior de pessoas teve acesso à compra de números telefônicos, fixos e via celulares, inviabilizando o processo mecânico da busca por contatos. Após alguns anos, outras formas de comunicação foram oferecidas aos usuários, como os sites de redes sociais, que não necessariamente precisam usar o telefone para mediar a comunicação.

As opções disponíveis na web endossam o uso de um mapeamento físico mediado pelo suporte online. O sistema de catalogação de dados permite visualmente um mapeamento e informação sobre a própria localização de pessoas e lugares, seja mediado pela internet ou satélites. A web foi uma das variáveis propiciadoras da “reinvenção do cotidiano”, por disponibilizar acesso à informação e oportunizar comunicação bilateral. Atualmente, existe grande número de exemplos de mecanismos



de busca na rede que permitem a geolocalização de pessoas, empresas, rotas, percursos e afins, com o intuito de “mapear” tudo que for possível a fim de tornar tais informações públicas e de fácil acesso.

Vivenciamos a era das marcações na web com o uso de *hashtags*⁵. Marcamos pessoas, ruas, rotas, fotografias, entre tantos outros. O lugar físico estende-se ao virtual, ambos com funções importantes no contexto social. Certeau (1998, p. 207) afirma que “os relatos exercem também o papel cotidiano de uma instância móvel e magisterial em matéria de demarcação”, referindo-se aos registros deixados pelos indivíduos no momento da demarcação dos “lugares”. A partir dessas demarcações, outros “usos” foram incorporados pelos internautas e tais apropriações acarretaram em mudanças comportamentais e sociais. A própria maneira de “se fazer” as coisas foi conduzida pela transformação dos mapeamentos; como o exemplo dos avisos de aniversário dos nossos amigos, que os sites de redes sociais nos enviam, baseado em um sistema de catalogação de dados, realizado pelo próprio usuário.

A incorporação de dispositivos tecnológicos de comunicação e informação é livre para qualquer indivíduo, no entanto, percebe-se uma presença ainda mais atuante no contexto cotidiano dos jovens, foco deste trabalho. O jovem tem sido pivô no desenvolvimento e no uso de novas formas de estruturação social. Por este motivo, para exemplificar a apropriação dos “relatos de espaço”, optou-se em contextualizar o tema no uso de aplicativos e geolocalizadores com o intuito de rastreamento, principalmente utilizado pela população mais jovem.

Para Rocha e Pereira (2010, p. 398-399), “os *gadgets* sintetizam a experiência do ‘ser jovem’ a partir de seus dispositivos técnicos facilitadores para a vivência de seus valores centrais” reforçando a ideia da dependência dos aparatos tecnológicos como mecanismo social e, ainda, os autores afirmam que “os *gadgets* também estabelecem uma lógica de classificação, transformando modas e modos, relativizando noções antes fixas e indelévels”.

A população jovem nasceu com a internet o que muda significativamente a incorporação deste meio em suas práticas sociais. Por este motivo, Rocha (2009) afirma que os jovens são indiscutivelmente os mais seguros usuários de aparelhos multifuncionais. Outra questão importante é que o ser jovem está associado publicitariamente com o sentido da novidade e isso tem sido utilizado para ilustrar

⁵ A *hashtag* (#) é oriunda da palavra *tag* que significa etiqueta. São códigos de rastreamento utilizado em diversos dispositivos na web. Por meio da *tag*, é possível rastrear pessoas, ideias e lugares.



diversos fenômenos. O jovem, por estar na fase de conhecimento, é um experimentador nato, tanto com o uso de novos produtos como nas relações que estabelece com eles.

Outro ponto a ser considerado na importância dos jovens para a mudança do foco do significado dos “espaços e lugares” é a sua abertura para alguns valores centrais significantes na juventude; entre eles: o poder de “fragmentação”, no sentido de consumir fragmentos e não necessariamente algo linear, a construção da “afetividade” com pessoas e coisas, mediadas pela tecnologia, a busca da “autenticidade” que pode estar associado a algo inovador e o “questionamento” das coisas do mundo, uma característica marcante da população jovem (ROCHA, PEREIRA, 2010, p. 389). Em suma, o público jovem está mais aberto à construção de novos elementos se comparado aos adultos; está em fase de moldagem, de construção de sua personalidade e, por este motivo, mais aberto a experimentar a tecnologia.

MAPEAMENTOS E ROTAS DIGITAIS

Uma pesquisa recente realizada pela IAB⁶ apontou o público jovem brasileiro (entre 15 e 24 anos) como maior potencial usuário de “aplicativos baixados” e “acesso a redes sociais”, o que endossa o interesse deste público na experimentação do novo. Ao verificar os dados disponibilizados pela IAB, nota-se a predominância e a dependência dos jovens na plataforma online, o que impulsiona a busca de dispositivos tecnológicos que ofereçam mediação nas relações sociais, rastreamento de dados e possíveis demarcações de lugares e percursos. Para a explanação deste artigo, optou-se por observar indícios de rastreamento que tivessem alguma relevância na “reinvenção do cotidiano” por meio do uso de marcações de rotas dentro do atual contexto social dos jovens. Por este motivo, foram selecionados alguns exemplos, em categorias distintas, para ilustrar tais usos no consumo online, que alteraram o modo de se fazer as coisas na estrutura social contemporânea.

A tabela 1 apresenta as categorias definidas para os exemplos e foi dividida por “tipo de mapeamento”, “tipo de uso” e “objetivo de uso” do mapeamento dos dispositivos.

⁶ Interactive Advertising Bureau. Disponível em: <http://iabbrasil.net/portal/institucional-iab/indicadores-mercado/>

TABELA 1 – Uso de mapas e rotas no cotidiano mediado pelo consumo online

N.	Tipo de mapeamento	Tipo de uso	Objetivo
A	Serviços	Táxis	Rastreamento
B	Percursos	Ônibus	Localização
C	Meta Pessoal	Performance	Evolução
D	Rotas fixas	Distância entre pontos	Localização
E	Lugares	Localização de ambientes	Localização
F	Rastreamento social	Localização pessoal	Exposição
G	Pessoas	Localização dos pares	Rastreamento
H	Simulacro	Localização <i>Fake</i>	Exposição

Fonte: Elaborado pelas autoras

O mapeamento de “serviços” visa auxiliar o usuário no momento em que este necessita acompanhar o andamento de uma solicitação que precisa de deslocamento com rota variável. O exemplo escolhido para ilustrar este uso é do aplicativo disponível para rastreamento de táxis. Um dos aplicativos desta categoria, utilizado na cidade de Curitiba como em outras cidades no país, chama-se “Táxi já” (figura 1A) e permite ao usuário acompanhar as rotas dos táxis mais próximos ao ponto de embarque a fim de verificar o tempo de chegada, além de outras funcionalidades, como cálculo do preço da corrida, por exemplo.

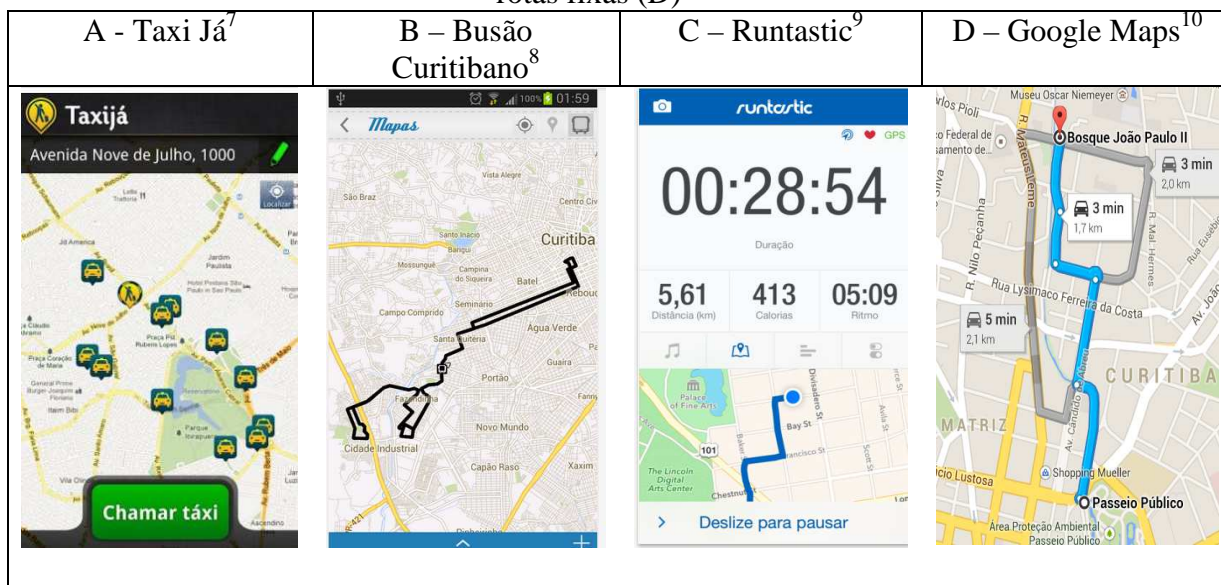
Foram categorizados como “rastreamento de percurso” os aplicativos que oferecem aos usuários rastreamento de rotas específicas fixas para determinados serviços de transporte. Existem aplicativos com a proposta de acompanhamento de localização, horários de trens, aviões e ônibus. A figura 1B mostra o layout do “Busão Curitibaano”, aplicativo utilizado pelos usuários de transporte público da cidade.

Como “meta pessoal”, foram denominados os aplicativos que auxiliam os percursos físicos oferecendo índices de performances individuais. Existem diferentes tipos de aplicativos como os de acompanhamento a corridas de bicicleta e caminhadas. O aplicativo escolhido para demonstrar este registro de rota foi o “*runtastic*” que, por um sistema de GPS, rastreia os percursos em mapas, incluindo a performance de tempo, frequência cardíaca, distância e índices de altitude, além de comparar os dados de dias diferentes a fim de mensurar a evolução do usuário na modalidade esportiva escolhida (figura 1C).

Outras possibilidades do uso de mapas podem ser encontradas no Google *maps* (figura 1 D), que oferece um serviço online que traça “rotas fixas” entre dois ou mais pontos calculando a distância entre eles, além de dar opções de cálculo de minutos de

trajeto, que dependerá do tipo de locomoção. Na sua versão em aplicativo para *mobile*, oferece alguns recursos diferenciados da plataforma oferecida aos computadores, pela própria característica de mobilidade dos aparelhos.

FIGURA 1: Exemplos de aplicativos de serviço (A), percurso (B), meta pessoal (C) e rotas fixas (D)



Fonte: Elaborado pelas autoras (ver nota de rodapé)

Os aplicativos de redes sociais online também oferecem recursos de rastreamento, como o exemplo do *foursquare* (figura 2 E), que propõe a seus usuários o *checking* eletrônico pela frequência em espaços públicos ou privados. A proposta consiste no “mapeamento de lugares” realizado pelo próprio usuário, que ao realizar um *checking*, auxilia os demais integrantes do grupo na seleção e localização dos melhores e mais pontuados locais comerciais da região.

A rede social “Facebook” (figura 2 F) criou também seu mecanismo de rastreamento de rotas, que disponibiliza a localização de acesso dos seus usuários na *timeline* dos perfis; em tempo real. O recurso de “rastreamento social” registra todas as localizações de acesso e disponibiliza um mapa mundi, no campo “locais”, com a sinalização das regiões geográficas já visitadas pelo usuário. Importante lembrar que o Facebook oferece outras formas de rastreamento de locais como a própria marcação das fotos e pessoas.

⁷ Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1350727>

⁸ Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.busao&hl=pt_BR

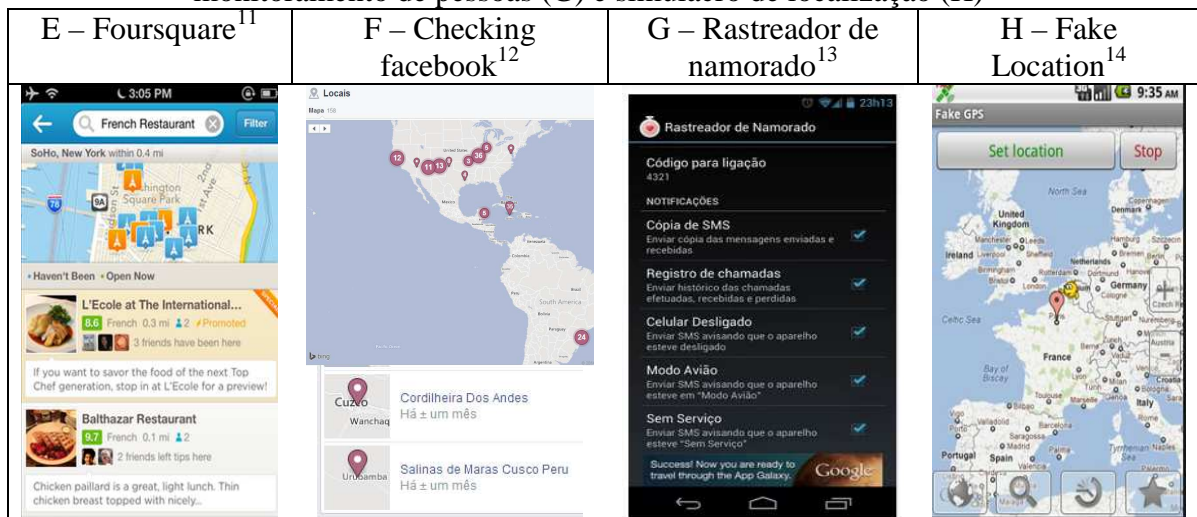
⁹ Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/runtastic-gps-corrída-caminhada/id336599882?mt=8>

¹⁰ Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Outro aplicativo disponível na rede que apresenta recursos de mapeamento propõe o rastreamento de pessoas. Estes dispositivos geralmente são instalados nos *mobiles* e rastreado via GPS, internet ou SMS; dependendo do modelo escolhido pelo usuário para “localizar pares”. Durante breve busca de modelos de aplicativos, foram encontradas propostas de localização de pessoas durante viagens, para monitoramento de crianças e rastreamento entre casais. Para representar a categoria, selecionou-se um aplicativo que tem por objetivo monitorar as atividades realizadas por namorados, denominado “rastreador de namorados” (figura 2 G). O rastreador informa o local de acesso, rota, distância, além de registrar ligações telefônicas, envio de SMS e uso de redes sociais. A proposta e recomendação do aplicativo é que seja instalado com o consentimento dos pares.

Como exemplo da última categoria denominada “simulacro”, tem-se o *Fake Location* (figura 2 H), aplicativo que propõe a publicação de localização escolhida pelo usuário que, necessariamente, não precisa corresponder a sua real posição geográfica. A proposta do dispositivo é que o usuário possa utilizar falsas localizações para realizar seu *checking* e que esta localização *fake* seja publicada na linha do tempo deste usuário em seu perfil no Facebook.

FIGURA 2: Exemplos de sites e aplicativos de lugares (E), rastreamento social (F), monitoramento de pessoas (G) e simulacro de localização (H)



Fonte: Elaborado pelas autoras (ver nota de rodapé)

¹¹ Fonte: www.foursquare.com

¹² Fonte: www.facebook.com

¹³ Fonte: www.siteparaempresas.com.br/blog/?p=3050

¹⁴ Fonte: <https://play.google.com/store/apps>



Se considerarmos a diversidade de funcionalidade apresentada nas categorias anteriores, percebe-se que em todos os exemplos ocorreu uma inovação na forma de realização das práticas cotidianas. O mapeamento e a localização passaram a ser impulsionados pelo uso dos *mobiles*. Os aplicativos e as redes sociais, além de auxiliarem na comunicação e conexão de pessoas, alteraram a estruturação social.

Para Certeau (1998, p. 200), “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”. O autor faz referência às táticas cotidianas, desde as indicações espaciais às histórias contadas. Ao informar caminhos e suas alternativas com os dispositivos apresentados, o consumidor tem o controle sobre o táxi que contratou, sobre o horário do ônibus, rastreia pessoas, tem a possibilidade de levar um mapa virtual em seus aparelhos telefônicos, trabalha sua imagem social postando comentários, marcando espacialmente os lugares que frequenta e, até mesmo, simula situações geográficas que nunca aconteceram. Relata, portanto, experiências.

Desta forma, os jovens experimentadores estão contribuindo para que tais situações sejam incorporadas pelos demais integrantes da sociedade e atualmente são os maiores agentes transformadores e propagadores da visibilidade social e do mapeamento do cotidiano.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação. *Economia, Sociedade e Cultura*, Volume I. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FONTE, Cristina. Jovens e internet: discutindo divisões digitais. *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo: INTERCOM, 2010.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

IAB. Pesquisa com Indicadores do mercado online. Disponível em: <<http://iabbrasil.net/portal/institucional-iab/indicadores-mercado>>. Acesso em: 10/08/2014.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. *Juventude e Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Sociabilidade e as novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens. *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo: INTERCOM, 2010.